

---

---

ENTREVISTA/INTERVIEW

---

---

## CHRISTIANE NORD

Quando pensamos em tradução e o fazemos enfocando em aspectos como “por que traduzir?” “quem será meu leitor?” “como abordar os aspectos das culturas?”, certamente nos vem o nome da pesquisadora alemã Christiane Nord. No meio acadêmico dos Estudos da Tradução, dos últimos trinta anos, é provável que seu nome se faça presente como teórica importante nos cursos de tradução, na abordagem prática da formação de tradutores, enriquecendo discussões, formando perfis profissionais. Seu trabalho como teórica, professora e tradutora já nos trouxe um material bastante rico para pensar sobre os Estudos da Tradução e a Tarefa do Tradutor. CN traz o funcionalismo alemão como uma teoria de tradução aplicável tanto no exercício profissional do tradutor, como na análise comparativa entre texto-fonte e texto-alvo em uma abordagem comunicativa eficiente e real.

Nesta entrevista que Nord gentilmente me proporcionou, recebendo-me em sua residência em Heidelberg, conversamos sobre algumas questões que aparecem em discussões com outros colegas que também usam a teoria funcionalista alemã para suas pesquisas e pensam em tradução enquanto teoria e prática. Nord, como se estivesse lecionado uma de suas aulas, esclarece algumas dúvidas sobre o uso da teoria na prática, sobre os primeiros passos do aprendiz em tradução até se tornar um profissional e sobre questões reais que circundam o mercado da tradução, como a pressão de tempo, por exemplo. Ela também traz algumas estratégias e técnicas que o tradutor pode adotar, dependendo do seu cliente e do seu leitor, sugerindo possíveis modos de relacionamento entre eles para que o trabalho seja satisfatório para todas as partes, defendendo o conceito de lealdade de sua teoria.

A entrevistada também discute sobre a definição de convenções culturais, fazendo um paralelo ao conceito de normas (Toury, 1995)

e pondera sobre seu significado, trazendo diversos exemplos reais como formas de encontrar as convenções de uma cultura. Também conversamos a respeito do conceito de “culturema”, trazido historicamente pela autora e atualmente muito discutido em outras composições teóricas e, ainda, sobre “referências culturais”, com casos específicos. Finalmente, nossa conversa encerra com uma breve reflexão sobre o uso do funcionalismo na língua de sinais, reforçando-se assim, a atualidade da teoria. A objetividade das respostas, com a necessária riqueza de detalhes que as vivificam, certamente constitui o eixo de riqueza desta entrevista! Boa leitura!

Monique Pfau  
Universidade Federal de Santa Catarina

Meta Elisabeth Zipser  
Universidade Federal de Santa Catarina

*Cadernos da Tradução (CT): Como você sugere a possibilidade de trabalharmos com os diversos passos sugeridos pela abordagem funcionalista neste mundo global em que tempo de demanda torna-se cada vez mais reduzido?*

*Christiane Nord (CN):* Logicamente realizamos estes passos em aulas de tradução para aprendermos como trabalhar desta forma. Depois de um tempo, estes processos tendem a ser internalizados. Neste sentido, enquanto profissional, o tradutor não irá passar rigorosamente por todos os passos, tomaria muito tempo. Este é um dos aspectos. O outro é que, se for feita uma boa análise antes de iniciar um trabalho, é possível economizar tempo no final do processo de tradução porque não serão encontradas tantas dúvidas. Desta maneira, os problemas são solucionados de uma vez antes de

se começar; se o tradutor conseguir identificar os problemas de tradução e pensar sobre possíveis soluções que sejam apropriadas, toda vez que esses problemas reaparecerem, ele já saberá o que fazer e não terá que começar tudo de novo. Assim, eu acredito que vale realmente a pena passar pelas fases preliminares para então poder dar de fato uma sequência ao trabalho de tradução. A minha experiência profissional é esta, se o processo de tradução for interrompido cada vez que houver uma dúvida, é possível que a tradução não fique realmente fluente. Mas se os problemas forem resolvidos de antemão, o tradutor traduzirá de uma vez só e terá a oportunidade de não precisar pensar sobre tudo mais uma vez. Nesse sentido, eu creio que vale a pena. No fim, economiza-se tempo.

Entretanto, eu me questiono sobre o que você quer dizer sobre essa ligação de tradução com globalização. Porque tradução tem sempre sido algo a ser realizado sob pressão, sob pressão de tempo. No tempo em que eu era aluna, eu fui ensinada a pensar apenas na pressão de tempo. E isso não é um fenômeno causado pela globalização. Eu não acredito que a globalização faz com que a tradução seja mais opressiva.

*CT: Você acredita que a demanda de tradução sempre aconteceu sob pressão de tempo?*

*CN:* Foi sempre assim. Na vida profissional, a tradução é sempre a última parte do projeto em que as pessoas vão pensar. Ou seja, quando tudo está pronto, alguém acaba lembrando que o texto deve ser traduzido, que o prazo é para o dia seguinte e que eles precisam da tradução. E isso se repete até hoje da mesma forma como há anos. Por isso eu não acredito que essa pressão tenha a ver com globalização.

*CT: Mas o que você realmente quer dizer sobre essa análise de texto e sobre o tradutor estar pronto para as dificuldades que*

*vierem? Como o tradutor pode ler e analisar o texto se ele tiver um prazo muito curto?*

CN: Se o texto for de 500 páginas, o tradutor logicamente não será capaz de lê-lo profundamente. Mas ele pode ler as 30 primeiras páginas e talvez as últimas 30 páginas e algumas outras 30 páginas no meio do texto. E eu tenho certeza que ele encontrará todos os problemas importantes que virão no resto do livro. Ou seja, se ele fizer a análise, o primeiro passo é comparar a tarefa de tradução do texto-alvo com o que acontece no texto-fonte e assim identificar o problema de tradução já pensando em soluções para isso. Desta forma, ele pode começar a traduzir; é possível que dois ou três mais problemas sejam encontrados, mas acredito que o básico será solucionado ali. E se for um texto curto, ele deve ser obviamente lido por completo com antecedência. Isso economiza tempo no fim das contas. Porque às vezes, por exemplo, eu vejo que textos espanhóis ou brasileiros são iguais; eles são tão redundantes e andam em círculos. Algo que, se não for entendido na primeira vez em que for lido, acaba aparecendo novamente e logo poderá ser percebido. Então é só fazer uma paráfrase. E por fim o texto será compreendido. Ganha-se tempo com isso. Se houver, digamos 20 ou 30 páginas, sem problemas. Eu acredito que todas as páginas deveriam ser lidas, o texto inteiro.

*CT: A respeito da função da tradução, sua teoria aborda o projeto de tradução onde as funções do texto são decididas antes do processo tradutório ser iniciado, mas o que eu vejo e que normalmente acontece, ao menos comigo enquanto tradutora, é que o iniciador nunca nos delega as funções do texto.*

CN: É claro que os iniciadores não delegam funções porque eles não são especialistas em tradução. Isso faz referência ao funcionalismo. Mas é o tradutor quem deve saber para que esse iniciador - ou cliente - quer o texto. Ou seja, se ele não lhe disser voluntaria-

mente, o tradutor deve perguntar para que a tradução é necessária. E ele pode simplesmente dizê-lo que não se preocupe e somente traduza o que estiver escrito lá. Nesse caso, é o tradutor quem deve dizer que se ele traduzir meramente o que estiver escrito no texto, é possível que o produto não seja compatível com as expectativas ou que não vá de encontro aos requisitos esperados. O tradutor deve insistir para que lhe digam. É possível perguntar se ele pretende publicar o texto. E por que ele pretende publicar o texto. Talvez ele queira somente ler o texto e guardá-lo em um arquivo. Logicamente, se ele quer que seja um texto publicável, o tradutor terá que colocar mais esforço nele, além disso, vai levar mais tempo e assim, será mais caro. Se ele somente lhe disser que quer ler o texto e entendê-lo e então guardá-lo em algum lugar porque o mesmo talvez lhe seja necessário novamente no próximo ano, então é possível fazer uma tradução mais ou menos rápida e grosseira, que, nesse caso, será mais barata e mais breve. Minha filha, por exemplo, que é tradutora *free-lance*, tem instruído seus clientes a lhe dizer o que eles precisam. E com clientes para os quais o tradutor já realizou muitos trabalhos, é possível simplesmente perguntar se eles querem o de sempre. E eles provavelmente responderão que sim, querem o de sempre. Nesse tipo de situação, já se sabe o que eles sempre querem e para quem eles querem. Não é preciso fazer sempre todas as perguntas do começo ao fim, mas deve-se analisar a situação na qual se está traduzindo para o cliente, o que se sabe sobre esse cliente, o negócio dele, etc. Então talvez o tradutor pergunte ao cliente se já houve alguma tradução realizada sobre esse assunto, e se ele a possui. É possível usá-la. Talvez ele tenha um glossário. As pessoas não pensam nisso. Mas isso ajuda muito. Não se deve ter medo ou vergonha de perguntar mais detalhes sobre a tarefa porque o tradutor pode dizer que se eles não lhe falarem, poderá ser realizada uma tradução de propostas múltiplas que servem para muitos propósitos, mas para nenhum muito especificamente. Se lhe disserem o motivo pelo qual a tradução é necessária, o tradutor terá um modo de ponderar e conquistar as exigências de maneira muito mais eficaz. Isso é algo que os clientes não têm

consciência porque eles acham que só há uma tradução para um texto-fonte. Não é necessário lhes ensinar teorias da tradução, mas basta dar um ou dois bons exemplos. Pode-se dizer o que será feito uma vez que se souber o que é necessário, como, por exemplo, se souber qual é o público-alvo, se é um público especialista ou leigo, e, dessa forma, pode-se escrever o texto adequadamente. Assim, eles possivelmente podem perguntar ao tradutor o que ele precisa exatamente saber. Então, o tradutor pergunta o que precisa saber. O meio de comunicação, por exemplo.

Outro dia, uma estudante minha me escreveu um e-mail pedindo minha ajuda a respeito de um cliente que não queria pagá-la porque afirmava não ter ficado satisfeito com sua tradução. Ela tentou descobrir o que ele não havia gostado, mas ele não conseguia dizer realmente o motivo de sua insatisfação. Finalmente, ela descobriu que o cliente queria a tradução e o texto-fonte impressos um ao lado do outro e ele achou a tradução mais longa que o texto-fonte. Mas por que ele não disse isso a ela logo no começo? E por que ela não perguntou? Eu disse a ela que ela havia estudado comigo e por isso deveria estar consciente sobre este problema. Disse que a ela deveria ter perguntado. E, desse modo, ela não perderia tempo com todo esse problema, porque então ela queria processá-lo e eles tiveram que entrar em um acordo no tribunal que, por fim, resultou na perda de metade do valor que ela havia cobrado inicialmente. Porque eles se comprometeram um com o outro. Mas se ela tivesse logo perguntado como a tradução seria publicada, ele provavelmente teria dito que eles pretendiam colocar os textos paralelamente, a versão em inglês e a versão em alemão. E assim, ela saberia e se certificaria de que o texto em alemão não seria mais longo que o texto em inglês. Isso faz parte da nossa competência! Eu posso muito bem escrever uma tradução do mesmo tamanho que o texto-fonte e posso também escrever outra que seja 50% maior se eu encontrar boas elaborações dependendo daquilo que eu tiver como prioridade.

CT: *Nesse caso, depende do tradutor descobrir a função adequada para o cliente, porque este vai pensar que o que ele tem em mente é óbvio para o tradutor.*

CN: É lógico! Para eles é óbvio, “simplesmente traduza”! O tradutor deve dizer ao cliente o que ele precisa saber, que tipo de informação precisa e porque precisa dela. Digamos que primeiramente não há uma única tradução excelente ao texto-fonte. Nós temos a obrigação de saber se isso será uma publicação para televisão, por exemplo, ou somente para propostas internas da casa, e quem serão os receptores. Quem lerá isso? Não é para usar muita terminologia? O leitor-alvo é um especialista na área ou alguém que não sabe muito sobre os conceitos e termos? Qual será o meio de comunicação? Como será apresentado? *Online*? Há limitações de espaço? Isso acontece muito frequentemente em textos *online*. Eu devo cuidar para os *tags* não serem retirados? Sim. É lógico! Tudo bem, mas às vezes pegamos um texto e nem sabemos que os *tags* estão lá, e acabamos traduzindo-os. Talvez acabemos escrevendo além do limite e os *tags* somem. E isso vira um “deus-nos-acuda” porque toda formatação sumiu! E por que não conversar sobre isso antes? Eu vejo tudo isso como algo tão simples, que facilita o trabalho do tradutor e deixa o cliente mais satisfeito no final, porque todos conseguem o que precisam. Ainda que os clientes nem sequer saibam do que eles precisam. Às vezes eles dizem que a tradução será para a promoção de seus produtos e eles pedem para traduzir todas as palavras que estejam no texto. Então pode acontecer de termos que dizer a eles que desse modo o texto não causará o mesmo efeito em outra cultura, da forma que o produto atua na cultura do texto-fonte. Por quê? Porque culturas possuem sistemas de valores diferentes. Ou seja, se o presente sistema for usado, ele ofenderá as pessoas; ele é um tabu. Como o cliente poderia estar ciente de tal situação? Assim, enquanto tradutores, nós somos as únicas pessoas nesse jogo que conhecem as duas culturas por definição. Caso contrário, não deveríamos ser tradutores, se não conhecêssemos as duas culturas. E isso não diz respeito à língua,



diz respeito à cultura. E a língua é uma parte da cultura. Assim como meios não-verbais, como formatações e logos; tudo isso também é cultural. O que é atraente em uma cultura pode muito bem ser ofensivo em outra. Os clientes acham que tradução é apenas uma questão de línguas, ou seja, se soubermos duas línguas e tivermos um bom dicionário, podemos ser tradutores. E somos nós quem deve convencê-los do contrário, porque isso diz respeito ao prestígio social do tradutor, status social, e, quem sabe na próxima vez eles não vão nos pedir uma tradução em cima da hora, mas quem sabe alguns dias antes. Eu acredito que é nossa obrigação fazer alguma coisa a respeito desta situação, sobre o que queremos saber e sobre o que precisamos enquanto tradutores. Se não tentarmos, nunca mudaremos nada. Isso serve pra você, pois você faz parte da nova geração. Você tem que mudar!

CT: *Eu gostaria muito de mudar essa situação.*

CN: Logicamente você deve ser cuidadosa e diplomática. A minha filha conseguiu de fato fazer com que isso funcionasse para ela. Ela tem um grupo de clientes estáveis que sempre procuram por ela. Um dia um cliente pediu se ela poderia fazer um trabalho para ele, e, como ela estava muito ocupada naquele momento, acabou rejeitando o trabalho e passando o contato de um colega dela. Passado um tempo, ela descobriu que o colega havia feito mais barato e assim, ela concluiu que havia perdido o cliente. Mas, pelo contrário, depois de um tempo, o mesmo cliente voltou a procurá-la e perguntou-lhe quando ela teria tempo para fazer um trabalho para ele, porque ele queria que ela fizesse o trabalho, e não outra pessoa. O cliente evidentemente percebeu que ela realizava um trabalho de qualidade e estava preparado para pagar mais, para que ela fizesse a tradução. Eu creio que essa é a melhor coisa que pode acontecer para um tradutor, que desse modo ele pode ficar extremamente orgulhoso de si. Deste modo, o tradutor pode perceber que um

cliente realmente aprecia aquilo que ele faz. Mas isso requer preparação, é claro, o tradutor deve primeiro mostrar o que pode fazer.

*CT: Ou seja, quando o tradutor tem um cliente assíduo, ele pode “ensiná-lo” em como se comportar enquanto cliente de um tradutor para obter um resultado satisfatório.*

*CN: Sim, ensinar. E se ele estiver trabalhando para uma agência de tradução, ele também deve educar os agentes de modo que eles permitam que os tradutores tenham contato direto com o cliente. Eles acham que os tradutores vão fazer negócios direto com os clientes fora da agência. Mas isso pode ser legalmente evitado através de um contrato. Assina-se um contrato que proíba comissões diretas com um dado cliente por um tempo determinado. Isso não é um grande problema. Eles dizem que não querem os tradutores tendo contato direto com os clientes porque as próximas comissões irão diretamente para eles. Não, isso funciona como em outros ramos profissionais, como, por exemplo, as imobiliárias. Você pode dizer que conheceu uma pessoa na festa e vocês concordaram em negociar uma certa casa, que você pode comprar a casa. Entretanto, é a imobiliária que oferece esse serviço, ainda que através do corretor. E o mesmo pode ser feito com tradutores, para os clientes confiarem mais nos tradutores. Tudo isso é confiança, que eu chamo de lealdade; é sobre trabalhar junto e um confiar no outro. Porque se meu cliente não confia em mim, eu não posso trabalhar para ele. E se eu não confiar que esse cliente não me pagará depois de tudo, eu não trabalharei para ele também. E se meus leitores, meus leitores-alvo não confiarem que estou fazendo um bom trabalho, também não pode dar certo. Ou seja, tudo isso exige confiança mútua. E é justamente isso que chamo de lealdade. Não tem nada a ver com textos ou literalidade. Tem a ver com pessoas trabalhando juntas.*

CT: *E sobre convenções. Quais são as diferenças entre convenções e as normas abordadas por Toury?*

CN: Essa terminologia é um pouco complicada quando usamos o inglês<sup>1</sup> como língua de comunicação, porque em inglês, o conceito de normas (*norms*) é usado de duas formas, uma como Toury aborda, sobre aquilo que é “normal”, ou seja, aquilo que é feito do modo usual, comum. Isso é o que Toury aborda, sobre o que é feito o tempo todo, sobre aquilo que as pessoas entendem como prescritivo. É aquele entendimento de que uma prática é sempre feita assim e é assim que deve ser feita. E isso seriam as normas implícitas que os tradutores devem de alguma forma ter em mente quanto traduzem e fazem certas coisas. É um *continuum* e, por um lado, normas são prescritivas; elas lhe dizem o que fazer, mas por outro lado, é o que é normalmente feito porque as pessoas descobriram que assim é o modo mais prático de fazer alguma coisa e de resolver um problema. Isso é aquilo que chamo de “convenção”. Por isso, é muito difícil dizer que aqui é onde a convenção termina e a norma começa. Faz parte de um *continuum*. Por essa razão, eu comecei a usar recentemente “normas&convenções” com um sinal tironiano: uma única palavra, porém com um sinal tironiano (&). Eu faço isso porque é difícil dizer. Às vezes elas estão mais amarradas, como por exemplo, as normas de ortografia e pontuação. Você tem que fazer de uma determinada maneira, caso contrário, o seu texto não será aceitável. Ou a forma como você lida com nomes próprios na tradução; você encontrará uma centena de traduções em que setenta delas os nomes próprios serão deixados da maneira que se encontram no original enquanto os outros trinta foram alterados ou adaptados. Para cada caso particular, o tradutor pode achar que o melhor é seguir a maioria ou não; que naquele caso específico a adaptação seria muito melhor para a proposta. Assim, o tradutor os traduz e ninguém poderá dizer nada contra sua atitude porque não há uma regra específica ou uma norma prescritiva, há, sim, uma norma descritiva que se formos procurá-la, iremos encontrá-la como uma tendência, em uma frequência maior

que outros dados procedimentos. Essa é a maneira que eu faria nessa situação: eu iria procurar exemplos concretos e dizer que convenções são maneiras de medidas de peso, ou de distâncias, ou de valores monetários. Ou seja, medidas baseadas no sistema métrico são usadas em uma determinada cultura enquanto outras usam o sistema imperial. Entretanto, caso utilizemos centímetros na Grã-Bretanha, os britânicos podem até nos olhar de um modo mais difícil de entender, mas nada vai nos acontecer se assim o fizermos. Talvez a comunicação se torne um pouco mais complicada. Mas não é algo que vai levar-nos à prisão. Ou nem mesmo seria um motivo pelo qual nossa tradução não seria aceita.

Não se trata de algo tão grave, por exemplo. Até mesmo aqui na Alemanha, nós temos o hábito de usar o Euro como nossa moeda e o sistema métrico para medidas de peso e de comprimento. Contudo, usamos medidas de unidade de barril e de dólar para quantificarmos o petróleo. É uma categoria específica de medida dentro da nossa própria cultura. Assim, você encontra o petróleo na página de economia de um jornal alemão em unidade de barril e em dólar. Seria muito inusitado usar toneladas e Euros porque desse modo ninguém conseguiria comparar os preços. Ou seja, isso é uma convenção, todas essas pessoas no mundo dos negócios concordaram com isso tacitamente, e isso não está escrito em lugar nenhum. Mas algumas pessoas começaram com isso e por alguma razão todas as outras continuam usando assim, pois a essa altura acaba sendo mais prático.

Outro exemplo seria se eu pensar na minha cozinha; eu compro uma geladeira, um fogão e alguns móveis que combinam entre si. Por que eles combinam? Porque eles todos têm a mesma altura<sup>2</sup>. Eles todos têm 80 cm de altura combinando em uma fileira. E alguém pode dizer que agora quer produzir geladeiras que sejam 10 cm mais altas. Tudo bem, mas essa pessoa provavelmente não as venderá porque os consumidores vão dizer que elas não combinam com suas cozinhas. Logo, depois de um tempo o produtor de geladeiras vai acabar decidindo produzir geladeiras de tamanho “normal”. Ou seja, não há ninguém ditando as regras, é um tipo

de oferta e demanda no mercado, e aquilo que as pessoas precisam acaba sendo oferecido.

Pense agora no tamanho desta folha de papel, A4, com formato para carta. Se você colocar esta página em uma máquina fotocopadora na Argentina, a sua cópia terá um espaço vazio em uma extremidade da página. Mas se você colocar uma página argentina em uma máquina fotocopadora aqui na Alemanha, metade da sua página não será copiada. O que acaba deixando a vida mais complicada, não é mesmo? Se todos usarem o mesmo formato, as coisas fluem mais. Isso diz respeito às convenções. Isso trata exatamente do que são convenções.

Agora me ocorreu outro exemplo, que já não é tão técnico: na Alemanha, até mais ou menos 30 anos atrás, pela lei, quando alguém casasse, a esposa tinha que colocar o sobrenome do marido. Mas essa lei mudou uns 30 anos atrás, a partir desse momento, todos podiam manter seus nomes de família ou colocar o nome do parceiro, ou ter dois sobrenomes. Ou seja, pouquíssimas regras passaram a existir a esse respeito. Se você for jovem e quer ter uma família, aí sim você deve escolher um sobrenome apenas, porque caso contrário os filhos, ou os netos terão quatro sobrenomes.

*CT: No Brasil isso acontece.*

*CN:* Eu posso imaginar. Mas o que eu quero dizer é que quando eu e meu marido nos casamos, eu já era conhecida como CN nos Estudos da Tradução e também éramos um pouco mais velhos, ou seja, não tínhamos planos de ter uma família até porque ambos já tínhamos formado famílias previamente. Assim, cada um resolveu ficar com seus sobrenomes. Klaus Berger e CN. O que acontece é que quando vamos a uma festa, por exemplo, e as pessoas já o conhecem, mas não a mim, ele normalmente me apresenta com a seguinte frase: “Você conhece minha esposa, a professora CN?” E as pessoas dizem: “Olá, Senhora Berger”. Ou seja, há uma convenção que ainda está na mente das pessoas da nossa idade que

normalmente estão casadas por volta de 40 anos quando a lei ainda era diferente. Assim, se ele é o Sr. Berger, ela é a Sra. Berger. E o meu problema é justamente a falta de convenção. Como reagir a essa situação? Eu posso simplesmente cumprimentar essas pessoas e ser a Sra. Berger por uma noite, eu não me importaria. Mas no dia seguinte, eu encontro a mesma senhora na rua que me vê e acaba dizendo: “Olá, Senhora Berger!” E a essa altura será muito tarde, eu não poderei dizer nada a ela e serei a Sra. Berger até o último dia de minha vida. Por isso, eu normalmente digo que eu sou a Sra. Berger, mas não me chamo Sra. Berger. As pessoas ficam um pouco constrangidas, se desculpam e perguntam meu nome. É um pouco incômodo. Não flui, e não flui justamente porque não se trata de uma convenção. Por esse motivo, muitas pessoas que casam hoje em dia, principalmente mulheres, na maioria das vezes, adotam os sobrenomes de seus maridos, ainda que esse procedimento não seja necessário, mas para facilitar a vida. As pessoas não sabem como tratar as outras, acabam sussurrando, perguntando para outras se aqueles dois são realmente casados.

*CT: Mas esse tipo de convenção poderia mudar? Porque pessoas jovens podem achar estranho que em um casal jovem a esposa tenha mudado seu sobrenome para o do marido. Nesse universo feminista, em que as mulheres querem ser visíveis, isso poderia ser considerado “antiquado”?*

*CN: Sim, é claro. Mas isso leva mais de uma geração para mudar. Entre as pessoas mais jovens, nem sequer há sobrenomes. Elas se apresentam através de seus primeiros nomes e não há nenhum problema com isso. O que fica mais simples na vida social. As coisas estão mudando, mas para as pessoas da nossa idade não há outra forma de lidar com esse problema. Então eu decidi estabelecer minha própria convenção dizendo que sou a Sra. Berger, mas tenho um nome diferente.*

CT: *E assim como no universo da tradução; o tradutor deve se atualizar o tempo todo porque as convenções tendem a mudar.*

CN: Sim, absolutamente.

CT: *Por isso você comentou sobre seu livro, que você mudou alguns dos seus exemplos na nova versão<sup>3</sup>.*

CN: Certo. Eu mudei os exemplos por razões mais pragmáticas, para aquilo que as pessoas conhecem; para o que está dentro do conhecimento comum das pessoas. Mas as convenções de tipos de texto também mudaram. Receitas, por exemplo. As receitas alemãs são escritas de modo diferente daquelas que foram escritas há 60 anos. Às vezes por razões do desenvolvimento tecnológico, ou as donas de casa não têm tanto tempo como tinham para ler esses textos longos e agora temos textos curtos e elípticos.

Outro exemplo diz respeito a celulares, quando você está no celular, qual é normalmente a segunda pergunta que é feita? E eu diria que isso é universal.

CT: *“Tudo bem?”*

CN: Não, essa é a primeira. Pense que você está falando no celular.

CT: *“Onde você está?”*

CN: *“Onde você está?”* Exatamente. Mas eu não tinha que perguntar onde você está se você estivesse usando seu telefone fixo porque eu saberia onde você está. Todos sabem que você está próxima ao seu telefone, às vezes a distância seria o tamanho do fio, hoje em dia ainda há o “sem fio”, mas com o telefone fixo de fio você poderia estar em qualquer lugar dentro de casa, mas nunca fora

de casa. Ou seja, as coisas mudam, a vida muda e a convenção muda. Eu observo as pessoas no trem conversando ao telefone e a segunda pergunta, talvez a terceira será: “Onde você está?” Porque caso contrário, você nunca entenderá quando alguém se referir ao “aqui”. “Aqui está maravilhoso, o sol está brilhando”. Como assim? Onde você está? Porque onde estou chove e faz frio.

É interessante porque enquanto tradutores, nós devemos estar sempre atualizados. E devemos prestar atenção. Devemos ser sensíveis, estar conscientes das mudanças e é isso que eu faço quando dou aula. Eu não tenho como ensinar aos alunos todas as convenções que existem em tudo que eles fazem do momento que acordam até o que vão dormir. Mas posso fazê-los ficarem atentos a isso, onde essas convenções estariam e que eles devem observá-las. Eles vão até outras culturas que, por exemplo, cumprimentam com beijos; mas quantos beijos? Qual bochecha começar? O que fazer com as mãos quando beijamos alguém? E os homens e mulheres se beijam? Eles se beijam da mesma forma? Isso é algo que não se aprende em uma aula de idiomas. Mas é extremamente importante. Porque se nos comportarmos inadequadamente, corremos um risco de não conseguirmos aquilo que queremos. Se formos pessoas de negócios e trocarmos os pés pelas mãos já nos primeiros minutos em que cumprimentarmos as pessoas, nós poderemos já estar determinando como a comunicação será desenvolvida e se ela será desenvolvida. Em algumas culturas, temos que tomar um chá com as pessoas por pelo menos uma hora antes de ir ao ponto. Eles podem não gostar se dissermos que nosso vôo vai partir em duas horas e que gostaríamos de ir direto ao ponto, de fechar o negócio. Não, isso pode ser muito grosseiro. Aliás, convenções de boas maneiras também são um ponto importante.

*CT: Mas as traduções também podem levar convenções a outras culturas?*



CN: Sim, os tradutores levam, mas eu diria que um tradutor sozinho não consegue realmente mudar uma convenção. Talvez muitos tradutores poderiam, é possível. Através de traduções ruins, por exemplo, se eles simplesmente reproduzirem o que eles encontrarem no texto-fonte. Dessa forma, eles acabam introduzindo na cultura-alvo algumas interferências que podem se tornar futuras convenções. Ou se eles estiverem conscientes e sensíveis, talvez eles até possam fortalecer as convenções da cultura-alvo e dizer que não estão fazendo do mesmo modo da cultura-fonte. Especialmente na tradução de literatura erudita do inglês para o alemão, por exemplo. O alemão é muito mais formal, ele possui menos interações diretas entre o remetente e o receptor. Se formos traduzir principalmente os norte-americanos com seus hábitos de falarem com o leitor o tempo todo, isso não seria muito bem aceito em alemão como um bom estilo acadêmico. E vice-versa.

*CT: A minha dúvida a respeito do caso da possibilidade de uma tradução que possa trazer uma convenção à outra cultura está relacionada com o que venho estudando atualmente. Eu tenho lido textos científicos brasileiros sobre Ciências Humanas e agora estou lendo sobre trabalhos de antropologia desenvolvidos no Brasil, que referem-se de algum modo ao Brasil. E eu percebo que os tradutores precisam encontrar algumas estratégias para traduzir certos termos ou expressões que não são realmente encontradas em inglês. Ou seja, eles tomam essa manifestação cultural que para nós é tão “normal” ou “convencional” para o inglês e eu me pergunto como podemos trabalhar de verdade em cima dessas questões.*

CN: Eu vejo que nesse caso é o que eu ensinaria, ou melhor, ensinava para os meus alunos. Na verdade, enquanto tradutor, você não é o primeiro a encontrar um dado problema. Vamos falar do português brasileiro para o inglês. Há pessoas nos países anglófonos que escrevem sobre o Brasil, não traduzem, simplesmente escrevem. E elas precisam se referir às barreiras culturais nos seus textos.

Como elas fazem isso? Você pode encontrar textos originais que se refiram ao Brasil e ver como os autores fazem isso. Talvez eles usem traduções, talvez ampliações ou explicitações, ou mesmo parafraseiam o que eles precisam para fazer o leitor entender. Não é um problema que não tenha sido resolvido antes. Isso eu acredito que é o ponto que queremos chegar. Os tradutores sempre pensam que um problema com o qual se deparam pela primeira vez é algo totalmente novo, que ninguém jamais lidou com isso antes e eles devem encontrar uma solução. Não, já há uma solução e você deve encontrar onde ela está.

*CT: Você acha que sempre haverá uma solução?*

*CN:* Sim, com certeza. Porque não há nada de novo na face da terra que se refira a textos. Tudo já foi feito. E você pode procurar em qualquer lugar e encontrar de várias formas. Eu, para exemplificar, procurei notícias sobre a Argentina em textos alemães de um jornal semanal famoso e prestigiado. Ele possui apenas uma página, mas me deu 12 ou 15 “dicas” de procedimentos e de estratégias sobre como lidar com referências culturais. Eu os listei e logicamente, os analisei em uma lista que me fez perceber que agora eu tinha 12 maneiras de resolver um mesmo problema. Eu apenas precisava escolher uma. E essas 12 foram de um texto que me indicou as convenções. E se você tiver mais de um texto e procurar por convenções neles, você vai perceber que algumas estratégias acontecem mais frequentemente que outras. Que algumas são mais populares, ou que algumas pessoas preferem usar uma específica, e assim você vai encontrar qual é a convenção que você precisa. E tais convenções podem ser usadas, as estratégias podem ser usadas também em tradução. A menos que você seja a primeiríssima pessoa a escrever sobre um lugar, sobre um dado objeto em uma dada língua, caso contrário, sempre haverá precedentes. Isso é, na verdade, onde a convenção, ou o conceito de convenção auxilia os tradutores. E quem fez? Outros tradutores, também. Porque os ou-

tros tradutores podem já ter feito trabalhos semelhantes. Mas pessoalmente, eu prefiro textos autênticos ao invés de traduzidos. Porque com traduções nós nunca podemos ter certeza. Assim como os estatísticos dizem para só confiar nas estatísticas que você mesmo forjar, eu digo para só acreditar nas traduções que você mesmo forjar, ou melhor, que você mesmo tiver feito. Por esse motivo eu prefiro usar textos autênticos.

E como eu teria feito todos esses anos com meus textos espanhóis que, na verdade, não me ajudam muito? Eu os deixo de lado e procuro na literatura alemã, pois há tanto material de viagem autêntico. De algum modo eles resolvem meus problemas. Logicamente o texto de informação turística resolverá de um modo diferente daquele que é leitura de viagem porque vai depender de onde esses textos serão lidos. Se o texto for lido no Brasil, mas em alemão, o tradutor provavelmente terá que saber o termo brasileiro para que o turista encontre seu caminho e seu destino. Mas se o texto for lido na Alemanha, em uma poltrona, nesse caso o termo brasileiro já não é mais necessário, o leitor só quer saber do que se trata. Ou seja, esse texto existente pode ser analisado de acordo com as variáveis que existem na situação de recepção. Assim, podemos perceber que um é para ser lido na poltrona e o outro enquanto o leitor viaja pelo Brasil, e assim o leitor fará a opção que melhor lhe convier. Isso é uma boa dissertação de mestrado ou tese de doutorado porque há um escopo limitado que poder ser estudado com, digamos, 20 textos diferentes onde o estudante analisa como os tradutores lidaram com tais situações.

E há mais uma coisa que gostaria de dizer, quando o tradutor encontra convenções culturais, qual seria uma boa estratégia para o tradutor lidar com a língua-alvo? Para lidar com a língua-alvo, eu gostaria de dizer que as convenções são culturais, não linguísticas. Ou seja, você não encontrará uma convenção em uma língua, você a encontrará na cultura.

Mas é claro que o uso da língua pode ser convencional se, por exemplo, se referir aquilo que chamo de convenção de estilo. Aquilo que aprendemos ser um bom estilo, que você aprendeu ser um

bom estilo no Brasil, em português e o que eu aprendi ser um bom estilo em alemão, são estilos diferentes. E isso não diz respeito à gramática porque a gramática está lá, os livros de gramática e os dicionários. Mas é o modo de como as pessoas lhe avaliam quando você é uma criancinha e escreve sua primeira redação. Elas lhe dizem para não fazer mais de um certo modo e para fazer de outro porque é um estilo bem mais bonito, bem melhor. E isso também é convencional. Porque nesse caso, utilizamos uma espécie de pensamento que ninguém consegue realmente justificar porque é melhor. Por exemplo, em alemão você poderia dizer algo como “estas folhas de papel em minhas mãos”<sup>4</sup> e em português ou espanhol você diria: “Estas folhas de papel que tenho nas mãos”<sup>5</sup>, com a oração relativa porque parece um estilo “melhor”. A frase “estas folhas em minhas mãos”<sup>6</sup> é gramaticalmente correta, mas estilisticamente seria considerada pobre. Isso também é um tipo de convenção.

Há muito tempo atrás, eu escrevi e publiquei um estudo que chamo de estilística comparada e eu analiso textos autênticos, em espanhol e em alemão, textos paralelos do mesmo tipo em que eu observo como as pessoas se expressam em certos atos de fala. Nós também temos orações relativas em alemão, mas nós reduziríamos a frequência delas pela metade se compararmos aos falantes de língua portuguesa ou espanhola. E por que tudo isso? Eu não sei, só sei dizer que é assim e é exatamente sobre isso que tratam as convenções. Por isso eu não conseguiria dizer, do ponto de vista funcional, qual seria uma boa estratégia de tradução porque sempre depende. Se quisermos que uma tradução mostre certas estratégias, devemos reproduzi-las, se queremos que um texto se pareça com o original, devemos adaptá-lo às convenções da cultura-alvo. Por isso não há regras. Ou seja, mais uma vez temos sempre que voltar ao nosso escopo, às nossas propostas.

Qual é a minha posição a respeito de convenções? Elas simplesmente estão lá, o que eu posso fazer? Eu acredito que seja importante ter conhecimento delas, mas é o tradutor quem decide se quer segui-las ou não, mas ele deve conhecê-las de qualquer modo. Eu acredito que no ensino de tradução e na formação do tradutor, isso

é o mais importante que pode ser ensinado aos alunos. Fazer com que eles as percebam, como por exemplo, o que eu faço no primeiro ano de ensinamento, em uma disciplina introdutória, eu tento fazer com que os alunos fiquem conscientes de sua própria cultura. Das especificidades da cultura, dos seus próprios comportamentos, de como acontece o dia inteiro. E eles não estão cientes disso; eles acordam de manhã, escovam os dentes ou não escovam os dentes, escovam depois, ou antes, do café-da-manhã, o que eles comem no café-da-manhã, quando e como eles tomam o café-da-manhã, é apenas uma xícara de café e um cigarro ou um café da manhã alemão com cereais? E assim por diante. É a sua própria cultura. E à que tipo de mesa você vai sentar?

Este é um exemplo que utilizei na Coreia, eu tinha algumas figuras de mesas comigo e pedi a eles que fechassem os olhos e pensassem na palavra inglesa “*table*”. Perguntei-lhes que mesa aparece nas suas mentes antes que abrissem os olhos. Finalmente, eu mostrei as mesas que eu tinha, uma baixa, uma mais alta, uma mesa de centro, e assim por diante. E eles logicamente apontaram para a mesa de altura mais baixa. Afinal, eles sentam no chão. Ou seja, até mesmo quando utilizamos em uma língua de uso comum como o inglês, a mesma palavra “*table*”, cada um de nós tem uma imagem diferente desta mesa prototípica. Você deve negociar, nós sentaremos na cadeira ou em uma almofada?

CT: *Eu gostaria de discutir algumas questões a respeito de culturemas. Primeiramente, você criou este termo?*

CN: Não. Não criei. Eu utilizei o termo que foi criado por uma sociolinguista alemã. Na verdade, ela era da Estônia, mas lecionou em Hamburgo e escreveu em alemão. Els Oksaar, 1988. É um livro muito pequeno chamado “*Kulturemtheorie*” (Teoria do Culturema), e eu adotei o termo culturema que, mais tarde, foi adotado por Amparo Hurtado através das minhas produções, mas ela interpretou o termo de forma errônea porque Oksaar diz que *culturema*

é um comportamento, um comportamento específico. Por exemplo, o modo de expressar gratidão em uma cultura específica. Você compara as culturas e percebe que em duas culturas a forma de expressar gratidão é diferente, que na cultura 1 se diz “obrigado” e na cultura 2 as pessoas se curvam, ou se abraçam, ou enviam um buquê de flores, por exemplo. Esses comportamentos específicos são chamados de “comportademas”<sup>7</sup> e vários “comportademas” formam um “culturema”. Assim, você compara duas culturas porque precisa de uma categoria que seja transcultural.

Se você disser que está procurando como as pessoas se beijam em um cumprimento, aí você não encontraria tais comportamentos em culturas que não se beijam, ou você não seria capaz de classificar cumprimentos sem beijos. Nesse caso, você está levando em consideração suas próprias perspectivas culturais e perguntando quanto beijos são dados em um cumprimento. Ainda assim, há culturas que não se beijam. Elas apertam as mãos, esfregam os narizes ou têm outras atitudes. Por isso você precisa de uma categoria transcultural que seja exatamente “cumprimentos” ou “primeiro encontro”. E você pode chamá-la de comportadema, que pode ser verbal com o uso de palavras como “obrigado” ou “muito obrigado”, ou não-verbal como gestos, movimentos de face ou outras expressões corporais. Ou mesmo a distância física entre pessoas que se comunicam; todos esses fatores unidos são comportademas que formam um culturema.

Este é o conceito de um culturema que eu peguei emprestado de Els Oksaar. E Amparo Hurtado usou esse “culturema”, que em alemão chamamos de “*Kulturem*”, em um senso a respeito de algo especificamente cultural em um texto, aquilo que diz respeito à cultura da língua. E isso é o que chamo de “referências culturais”. Faz referência a uma cultura. Porque o culturema não está no texto, ele não será encontrado; não em palavras. Eu posso me referir a ele em palavras. Porque quando o texto diz “eles se cumprimentaram”, esta colocação, “cumprimentar um ao outro” refere-se a um culturema e as pessoas desta cultura visualizariam todos esses diferentes comportademas que pertencem a ele. E, em uma outra cultura, eles

teriam uma palavra respectiva para o verbo “cumprimentar” como “saludar”, “greet”, ou “grüßen” para visualizar outros “comportademas”. Na verdade, trata-se de um conceito para comparar culturas. E se for utilizado no modo que Amparo Hurtado faz, não é um conceito para comparar comportamentos culturais, trata-se de algo para lidar no texto. E são dois conceitos distintos.

*CT: Nós temos usado esse termo tratando de específicas referências dentro de um texto, como você mencionou que Amparo Hurtado apresenta o termo, como “referências culturais”.*

*CN: Eu acredito que tratar essas situações como “referências culturais” é melhor, porque de outro modo nós estaríamos misturando o nível do objeto com o nível-meta. O culturema é o objeto e o meta-nível é sobre o que conversamos, sobre o que o texto apresenta. Entretanto, eu suponho que para os hispano-falantes, e estou supondo que até mesmo para os falantes da língua portuguesa, é muito tarde para mudar o conceito por ter sido baseado nesse belo livro de Amparo Hurtado. Ainda que eu não me sinta sempre corretamente representada ou interpretada, eu suponho que todos conheçam o termo “culturema” do espanhol no significado dado por Amparo Hurtado. Mas se você estiver realizando um trabalho científico, você deve usar os termos e conceitos corretamente e eu acredito que seja justo consultar a autora também, Oksaar, porque foi ela que cunhou este termo. Para mim, esse termo é muito claro, terminações como “ema”, “eme”, em inglês, ou “em” em alemão, como “Phonem”, por exemplo, significam “unidade”, ou seja, “Kulturem” é uma unidade de cultura. Fica muito claro ver desse modo. Mas usando o termo no outro sentido, ele passa a não ser mais uma unidade de cultura; ele é uma palavra no texto que se refere a algo na cultura. Mas é um termo prático, eu admito que isso aconteça. Eu também posso ter usado termos de outras pessoas e tê-los redefinidos, ou mesmo mudado os significados um pouco. Por exemplo, quando falo de “função fática”, eu me*

apropriei do termo de Jakobson e mudei um pouco o conceito que já estava definido, e isso é legítimo, pode acontecer e acontece. Entre o espanhol e o alemão isso é um pouco desagradável para mim porque eu não consigo usar o termo “culturema” dessa forma. Mas tudo bem.

CT: *Então vamos conversar sobre referências culturais.*

CN: Sim, referências culturais!

CT: *Eu vejo algumas colegas trabalhando com elas e vejo que eu possivelmente venha a trabalhar com esse conceito que, dependendo da função do texto, as estratégias são diferentes para lidar com tais referências culturais. Porque eu as vejo em textos científicos e percebo que pode ser simples para os tradutores, eles normalmente mantêm o termo na língua original em itálico e o explicam em uma nota de rodapé. Entretanto, eu tenho uma colega, por exemplo, que lida com panfletos turísticos.*

CN: Perfeito. Você não pode colocar uma nota de rodapé em um panfleto turístico.

CT: *Exatamente. Ela percebeu que as estratégias dos tradutores variam bastante e eles não seguem uma mesma proposta em um mesmo panfleto.*

CN: Mas isso é exatamente sobre o que estávamos conversando a respeito de convenções, você deve saber como elas são realizadas em literatura não-traduzida. Eu faria assim, eu compararia o modo como são realizadas as traduções com textos originais sobre o mesmo assunto. Assim, você logicamente pode julgar quão aceitável é a tradução. Porque é sempre difícil dizer se aquilo que eu escrevo



é aceitável ou não para o meu público. Como eu posso saber se eu nem sequer conheço meu público? O único modo de acessar a normas ou padrões de aceitabilidade do meu público é procurar por textos que eles normalmente lêem. Afinal esses textos podem determinar ou formar suas próprias expectativas. As pessoas esperam por aquilo que já viram em outros textos. Ou seja, se eles lerem uma tradução que for diferente do que eles estão acostumados, eles provavelmente dirão que ela é estranha e que “é obviamente uma tradução”. Porque para eles não vai parecer correto, vai ser uma leitura desconfortável e complicada. E se for feito aquilo que eles sempre encontram em outros textos, eles nem sequer perceberão que trata-se de uma tradução. O público pode ser conquistado, quando nos perguntamos o que o público espera com a nossa tradução. Caso não saibamos a resposta, podemos ao menos saber a que tipo de leitura essa cultura vem sendo exposta, desde que conheçamos o seu discurso e os textos que circulam nesta cultura.

*CT: Uma última pergunta, a respeito da língua de sinais que vem aparecendo com bastante intensidade na universidade que estudo; como o funcionalismo pode ser aplicado na língua de sinais?*

*CN:* Como qualquer outra língua. Porque língua de sinais é uma língua. Eu inclusive penso que é um exemplo maravilhoso, pois na língua de sinais você pode sinalizar independentemente da língua em uso. Em alguns casos específicos, se necessário, você pode sinalizar as letras para um nome, por exemplo, mas normalmente você não sinaliza letras ou palavras, você sinaliza idéias. Segundo a proposta ou o escopo, você sempre tenta fazer um trabalho de comunicação de um modo que funcione. Eu até diria que a interpretação da língua de sinais mostra particularmente bem como o funcionalismo acontece.

## Notas

1. A entrevista foi realizada em inglês, e por isso ela menciona a dificuldade terminológica da língua quando comparada ao alemão.
2. Na Alemanha, assim como em alguns outros países, as geladeiras são “convencionalmente” menores que no Brasil, de altura semelhante ao nosso *frigobar*.
3. Antes de começar a gravação, em uma conversa informal, Christiane Nord mencionou sobre a nova edição da obra “*Text Analysis in Translation*”, cuja última versão em inglês traduzida por ela mesma foi lançada em 2005 (lançada em alemão pela primeira vez em 1988) e ela comentou que, em uma abordagem funcional, ela alterou muitos exemplos para situações mais comuns a respeito da atualidade com o objetivo de assim, facilitar a leitura.
4. Christiane Nord exemplificou a frase em inglês: “*These sheets of paper in my hands*”.
5. Para essa frase, Nord usou a frase em espanhol: “*Estas hojas de papel que tengo en las manos*”
6. Para essa frase, Nord usou a frase em espanhol: “*Estas hojas de papel en las manos*”
7. Tradução minha, Nord chamou de “*behavioureme*”, em inglês.

Recebido: 26-02-14

Aceito: 05-06-14